



A extensão como mediação entre o saber popular e o conhecimento acadêmico: a experiência de uma rádio itinerante na Zona da Mata Mineira¹

Monizy Amorim da Rocha BRAZ²

Murilo Rodrigues ALVES³

Pedro Ivo Almeida NUNES⁴

Fernanda VIEGAS⁵

Samanta NOGUEIRA⁶

Luiz NEMER NETO⁷

Titina Maia CARDOSO⁸

Kátia FRAGA⁹

Universidade Federal de Viçosa (UFV)

Resumo

Este artigo trata da importância da extensão na formação pessoal e profissional do estudante. Contribuindo para que este tenha uma visão mais crítica da sociedade, dos processos de comunicação e do seu papel cidadão. Aborda como foi a experiência do projeto de extensão Entre Sons e Gestos: a Rádio Itinerante Cultural Palmares na difusão da cultura afro-brasileira para o aprimoramento dos conhecimentos adquiridos em sala de aula. A extensão é fundamental para que o estudante universitário tenha a oportunidade de ter contato com várias formas de conhecimento e possa descobrir o verdadeiro valor do saber popular.

Palavras-chave: comunicação comunitária, rádio itinerante, mídia alternativa

1. Introdução

Neste artigo, pretende-se fazer uma relação entre duas etapas do aprendizado de um estudante universitário: confrontar os conteúdos aprendidos em salas de aula de uma universidade federal com os aprendizados de uma prática em praças ou lugares públicos. A parte teórica do processo deriva-se das disciplinas do curso de Comunicação Social/Jornalismo, da Universidade Federal de Viçosa (UFV), e a prática

¹ Trabalho apresentado no DT 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 13 a 15 de maio de 2010.

² Estudante do 5º período de Comunicação Social/Jornalismo da UFV; email: monizy.braz@ufv.br

³ Estudante do 5º período de Comunicação Social/Jornalismo da UFV; email: murilo.rodrigues@ufv.br

⁴ Estudante do 7º período de Comunicação Social/Jornalismo da UFV; email: pedronunes88@gmail.com

⁵ Estudante do 7º período de Comunicação Social/Jornalismo da UFV; email: fernanda.viegas@ufv.br

⁶ Estudante do 7º período de Comunicação Social/Jornalismo da UFV; email:

samantamnogueira@gmail.com

⁷ Estudante do 7º período de Comunicação Social/Jornalismo da UFV; email: luiznemer@gmail.com

⁸ Estudante do 7º período de Comunicação Social/Jornalismo da UFV; titina.cardoso@gmail.com

⁹ Orientadora do trabalho. Professora do curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV; email:

katia.fraga@ufv.br



é fruto do projeto de extensão intitulado “Entre Sons e Gestos: a Rádio Itinerante Cultural Palmares da comunidade Ganga Zumba na difusão da identidade afro-brasileira”, desenvolvido na cidade Ponte Nova, do interior de Minas Gerais.

O projeto foi implantado em 2008, como uma das vertentes do Gengibre - Programa Interdisciplinar sobre Cultura Popular da Universidade Federal de Viçosa. O objetivo central é contribuir para a propagação dos debates em torno da questão afro-brasileira e sua valorização na contemporaneidade. O projeto atende ao Grupo Afro Ganga Zumba, composto, em sua maioria, por afro-descendentes. A criação da Rádio Itinerante Cultural Palmares buscou concretizar o anseio desta comunidade, através da veiculação de programas radiofônicos, apresentados ao vivo por integrantes do Ganga, em espaços públicos da cidade de Ponte Nova.

Não há, dessa maneira, veiculação através de uma emissora comercial, nos padrões convencionais, já que a Rádio Itinerante não possui concessão do Ministério das Comunicações. Trata-se, portanto, de uma mídia comunitária alternativa, que funciona com caixas de som, microfones e outros equipamentos instalados nos locais das apresentações radiofônicas, em eventos do grupo Ganga Zumba ou datas comemorativas.

Nesse sentido, percebemos a importância de ampliar os conhecimentos teóricos sobre formas de comunicação alternativa, o que permite ao estudante buscar se interar de alguns conceitos dessa forma de comunicação, já que esta se difere, em princípios, objetivos e resultados do processo comunicacional, ou melhor, de informação, praticado pela grande mídia.

A criação da Rádio Itinerante Cultural Palmares visou proporcionar a criação de um espaço público permanente de discussões e reflexões em torno da ressignificação da identidade e da consciência negra.

Uma rádio itinerante comunga das mesmas características de uma mídia alternativa e comunitária, com a exceção da concessão de funcionamento dado pelo Ministério das Comunicações, por isso é válido repassar pelas concepções desses veículos midiáticos.

2. Fundamentação Teórica

Cicília Peruzzo, uma das principais pesquisadoras brasileiras sobre as mídias comunitárias e os movimentos populares, defende que toda comunidade deve “ser sujeito de sua própria história”. Para a autora, a busca por uma mídia alternativa aos veículos comerciais é uma forma de garantir não somente o direito de se comunicar,



mas de unir forças por melhorias na qualidade de vida, incluindo direitos básicos, garantidos pela Constituição, como à educação, à saúde, à cidadania plena. Assim, a mídia alternativa consegue dar vez e voz a um grupo de pessoas movidas por anseios, sonhos e reivindicações, a partir de elos que garantem a identidade, formados em torno de uma determinada região.

Faz-se necessário à mídia alternativa ocupar esse lugar por dois motivos: o primeiro está relacionado à ausência de políticas públicas que garantam às pessoas princípios que, mesmo sendo básicos e conhecidos por todos, estão ausentes da vida da maioria da população do país e parecem ser privilégio de uns poucos; o segundo se deve ao fato de que os poucos privilegiados que possuem todos os direitos básicos preservados são os mesmo que são proprietários dos veículos de comunicação do país. Como são originados de uma realidade diferente da maioria da população, esses donos das mídias não se preocupam em deixar espaço nas programações de suas emissoras aos anseios e desejos da maioria da população.

Para que eles possam ser ouvidos, é preciso que os sem voz e sem vez na grande mídia se organizem, muitas vezes em comunidades, em busca de terem os seus direitos essenciais contemplados, inclusive o de poderem se comunicar e de expressar livremente o que pensam. Bauman (2003) esclarece que o termo comunidade carrega com ele não só significados como também sensações positivas. Isso porque, diferentemente do mundo capitalista que cobra sempre uma competição entre as pessoas, a comunidade é o lugar onde todos são bons, procuram exercer a bondade e, ao mesmo tempo, têm a garantia de que há uma solidariedade mútua.

Para o autor, a comunidade é uma espécie de paraíso perdido, ou nunca encontrado, pelos homens. Na imaginação deles, a comunidade é o lugar perfeito para se viver. No entanto, não só o mundo real difere totalmente dessa concepção de comunidade, ainda mais com o sistema econômico vigente, mas a própria noção de comunidade na realidade não consegue ser contemplada pela idealização do termo.

Na comunidade real, há sempre o bombardeio de pessoas e informações contrárias ao princípio que não será mais primeiro. No mundo moderno, com o desenvolvimento dos transportes e da comunicação, todo fundamento será artificialmente construído e vivenciado em meio às várias tensões marcadas pela diferença de opiniões.

Num mundo em que nada é certo, parece que a palavra comunidade deu lugar a outra, muito mais moderna e na moda: identidade. Ao mesmo tempo em que se procura ser singular e diferente, as pessoas, em busca de identidade, também recorrem ao que o



autor chama de “comunidades-cabide”. É um lugar seguro em meio às incertezas individualmente enfrentadas.

Enne (2004) salienta que a mídia é fundamental para a construção de identidades a partir de práticas narrativas:

“No jogo de construção de identidades sociais contemporâneas, neste movimento constante de fluxos e interações, a mídia ocupa um papel fundamental. Se compreendermos (...) que a memória é uma dimensão fundamental na constituição das identidades e que envolve práticas narrativas e gerenciamento do real através de práticas discursivas, a mídia é, por definição, lugar central deste processo”. (ENNE, 2004, p.15)

Conforme ensina Maurice Halbwachs (1990), nossas lembranças ocorrem num contexto social, no qual estivemos envolvidos direta ou indiretamente. Segundo esse conceito, as nossas lembranças fazem parte de quadros sociais a partir de referências de um determinado ambiente coletivo. As situações vivenciadas individualmente são resultado de acontecimentos, de relações em grupo, produzindo mudanças, transformações ou, até mesmo, garantindo a manutenção de quadros comportamentais, indicando que a memória é construção do presente a partir do passado, com motivações atualizadas.

Para Pollak, a memória é um fenômeno construído coletivamente, capaz de despertar o sentimento de pertencimento e de identidade:

“A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, e que se faz por meio da negociação direta com os outros. Vale dizer que a memória e a identidade podem ser perfeitamente negociadas, e não são fenômenos que devam ser compreendidos como essências de uma pessoa ou de um grupo”. (POLLAK, 1992, p.205)

Nesse aspecto, podemos considerar que a identidade é um produto do meio, com base nas discussões de Bourdieu (1989). Sob a ótica da regionalização, o autor considera que os critérios étnicos, como língua, dialeto ou sotaque são objetos de “representações mentais” da prática social de indivíduos de uma dada região comum, configuradas por bandeiras, emblemas, entre outras significações coletivas.

“O discurso regionalista é performativo, que tem em vista impor como legítima uma nova definição das fronteiras e dar a conhecer e fazer reconhecer a região assim delimitada (...). O ato de categorização, quando consegue fazer-se reconhecer ou quando é exercido por uma autoridade reconhecida, exerce poder por si: as categorias ‘étnicas’ ou ‘regionais’, como as de parentesco, instituem uma realidade usando do poder de revelação e de construção exercido pela objetivação no discurso”. (BOURDIEU, 1989: 112-117).



É na participação intrínseca da comunidade que se pode evidenciar os benefícios mais relevantes proporcionados pelas ondas do rádio, notados tanto no desenvolvimento pessoal dos cidadãos, quanto no fortalecimento dos movimentos populares:

“As experiências mostram que a comunicação popular participativa dá seu aporte à edificação de uma cultura e uma educação democrática. Ela ajuda a conhecer, resgatar e valorizar as raízes do povo. Altera as dimensões do comportamento cotidiano. Socializa o direito de expressão e dos conhecimentos técnicos. Desmistifica os meios. Promove a criação coletiva. Difunde conteúdos diretamente relacionados à vida local. Dá voz, pela própria voz, a quem era considerado sem voz”. (PERUZZO, 1999:302)

De acordo com Peruzzo (1999), os movimentos sociais populares brasileiros “estão construindo algo de novo, expressando interesses coletivos que trazem em seu interior um esforço pela autonomia e por um ‘querer fazer’ democrático” (PERUZZO, 1999:148). E nesse esforço eles precisam criar meios de expressar suas necessidades últimas, suas idéias primeiras. Expressar sua essência de forma direta, sem intermediações.

Apesar de todas as limitações estruturais e circunstanciais, as Rádios Comunitárias são efetivos artifícios dessa expressão. Por ter em seu cerne a questão participativa, esses meios de comunicação proporcionam mais que a propagação autêntica de ideias. Peruzzo aponta uma série de contribuições advindas da participação da comunidade na transmissão das ondas sonoras. Segundo a autora, a Comunicação Popular contribui para reelaboração de valores condizentes com o exercício da cidadania; proporciona a formação de identidades; preserva a memória coletiva, já que “ao documentar decisões, programas e fatos relacionados com os processos de organização dos movimentos concorre para registrar a história desses”; e, sobretudo, porque estimula a conquista da cidadania.

Cidadania essa, entendida aqui como a qualidade social de uma sociedade organizada sob a forma de direitos e deveres majoritariamente reconhecidos. E para que possa ser efetiva, não só na definição, a cidadania de acordo com Peruzzo (1999), tem que ser “um arcabouço social que requer o envolvimento das pessoas, condicionando-se o seu status à qualidade da participação”. (p.285).

Bauman (2003) classifica, assim, a importância de uma comunidade ética: uma rede de responsabilidades de longo prazo entre seus membros, geradora de direitos e obrigações que não podem ser transferidos. Além disso, há o que o autor denomina de



“compartilhamento fraterno” nessa comunidade: uma garantia contra os erros inseparáveis da vida individual.

3. Experiência Prática

a) A origem

A Rádio Itinerante começou a ser pensada em uma das atividades do Gengibre (Programa Interdisciplinar de Pesquisa sobre a Cultura Popular da UFV), formado em 2005 por docentes e discentes da Universidade Federal de Viçosa, e de uma pesquisadora da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), que conquistou visibilidade na interação com a comunidade pelo estímulo, registro e promoção de encontros e atividades dos guardiões da sabedoria popular. Em 2007, o grupo Gengibre desenvolveu o trabalho de extensão, “Entre Sombras e gestos: a reconstrução da identidade afro-brasileira na comunidade Ganga zumba, Ponte Nova – MG”, aprovado pelo PIBEX (Programa Institucional de Bolsas de Extensão Universitária).

A idéia da rádio itinerante surgiu na segunda edição do Moringa- Bebendo da Tradição nas águas da Contemporaneidade, um encontro regional sobre Cultura Popular, que reúne professores, estudantes da UFV, pesquisadores de outras instituições, ONGs, artistas, brincantes das tradições e líderes comunitários. Neste evento, realizado entre 2 e 3 de novembro de 2007, foi promovida a oficina sobre rádio comunitária intitulada “Vozes da Cultura”, coordenada pela professora de radiojornalismo da UFV, Kátia Fraga, que apresentou conceitos e desenvolveu práticas acerca desse tipo de mídia. O resultado final da oficina foi a realização de um programa de caráter comunitário – intitulado Rádio Moringa – produzido e apresentado pelos integrantes da oficina, contemplando as reflexões e ações desenvolvidas durante o final de semana, bem como o resultado das demais oficinas.

O programa da “Rádio Moringa” foi levado ao ar com apenas três microfones, uma caixa de som, num espaço pequeno, que se tornou acolhedor e emocionante para os participantes do evento por meio das vozes populares ecoadas sob um clima de emoção e troca de saberes. A concepção e o roteiro foram definidos pelos sete participantes da oficina “Vozes da Cultura”, entre eles o presidente do Ganga Zumba, chamado carinhosamente de seu Pedrinho, que assumiu a apresentação ao lado de outra integrante. Os demais participantes dessa oficina atuaram nas atividades de reportagem, produção e operação de áudio. Os integrantes das demais oficinas foram entrevistados e depois apresentaram o resultado das atividades realizadas em cada grupo.



A coordenadora geral do evento, professora de Dança da UFV, Carla Ávila, foi entrevistada para o programa e falou da importância do encontro e da difusão da cultura. Na irradiação, todos passaram conhecimento e emoção no conteúdo que contemplava tudo o que foi discutido no II Moringa. Ao fim, sob aplausos, o integrante do Ganga Zumba, “seu Pedrinho” declarou, orgulhoso: “nós vamos ter nossa própria rádio para fazer essa troca mágica e importante”.

Para continuar a “mágica e importante” troca de conhecimentos, foi estabelecida uma parceria entre o curso de Comunicação Social/ Jornalismo da UFV e o Grupo Afro Ganga Zumba, de Ponte Nova, que deu origem ao projeto “Entre Sons e Gestos: a Rádio Itinerante Cultural Palmares da comunidade Ganga Zumba na difusão da identidade afro-brasileira”.

b) O processo

No ano de 2008, o projeto de extensão desenvolveu encontros de preparação e oficinas na sede do Grupo Ganga Zumba acerca da especificidade de uma rádio itinerante. Entre os temas abordados e discutidos entre os alunos e a professora da UFV e os integrantes do Ganga estavam as características de uma mídia alternativa e, principalmente, da rádio itinerante que se estava propondo a criar.

Era importante, nos primeiros encontros, deixar claro que os objetivos e propósitos da Rádio Itinerante Cultural Palmares se diferenciavam daqueles comumente empregados pela grande mídia. Para isso, foi preciso também discutir o que se pretendia com a Rádio Itinerante, quais eram os clamores e desejos daquele povo que há muito se organizava e trabalhava para ser ouvido, quais assuntos que eles queriam contemplar nos programas, qual abordagem que queriam dar àqueles assuntos e como se organizariam para cumprirem não só o papel de receptores das informações, mas também de emissores desse processo comunicativo.

Para capacitar os parceiros envolvidos, foram realizadas oficinas de pauta, de texto radiofônico, de roteiro, de locução, de reportagem e de entrevista. A cada fim de semana, uma equipe da UFV se encontrava com o grupo Ganga Zumba para juntos aprenderem mais sobre as técnicas do rádio, com exercícios práticos. Como resultado desses encontros e dessas oficinas, produziu-se um programa piloto que foi ao ar no III Encontro Moringa – Bebendo da Tradição nas Águas da Contemporaneidade, nos dias 7, 8 e 9 do mesmo ano.



No início de 2009, o projeto foi retomado. Num primeiro momento, fez-se uma revisão das técnicas radiofônicas para que se pudesse preparar o primeiro programa da Rádio Itinerante Cultural Palmares. O processo de estruturação do programa incluiu as rotinas de produção jornalística, desde a definição dos assuntos a serem abordados em cada edição dos programas até a elaboração do roteiro. É importante ressaltar que todas as etapas do trabalho foram realizadas de forma coletiva, a partir das propostas de membros da comunidade Ganga Zumba. Os assuntos a serem apresentados nos programas foram sugeridos por eles como temas pertinentes àquela comunidade.

c) A estréia

A primeira edição da Rádio Palmares conseguiu conciliar no mesmo programa cultura, entretenimento, emoção e reflexões acerca da questão afro-brasileira, tudo feito ao vivo, no domingo 24 de maio, das 10 às 12h. O público presente na Praça de Palmeiras, em Ponte Nova, pôde conferir reportagens que trataram da história do Grupo Ganga Zumba e da situação do negro no mercado de trabalho; entrevistas com os principais personagens do Grupo; debate que levantou questionamentos sobre o valor histórico da abolição da escravatura – rememorado no mês de maio – e a situação real do negro no campo profissional e educacional; além de apresentações culturais e homenagem a uma personagem de destaque da comunidade.

Vale ressaltar que o primeiro programa da Rádio Palmares funcionou apenas com microfones, caixas de som e outros equipamentos instalados na praça, com apoio da Prefeitura de Ponte Nova. Lá foi erguido um estúdio ao ar livre, um espaço coletivo de discussões e reflexões em torno da ressignificação da identidade e da consciência negra. Os membros do grupo Ganga Zumba, capacitados pela equipe da UFV, atuaram como apresentadores, repórteres, produtores e administradores. Toda a programação foi definida a partir das sugestões deles, por eles e para eles.

A inauguração da Rádio Palmares foi bem recebida pelo público presente na praça e pelos veículos de comunicação, que cobriram o evento, elogiando a iniciativa da UFV e do grupo Ganga Zumba.

d) A finalização

No total, aconteceram três apresentações da Rádio Itinerante Cultural Palmares. A segunda edição ocorreu no Bairro de Fátima, comunidade conhecida como Pacheco.



Além de aspectos relacionados à religião e cultura afro vividos pelos moradores do bairro, outro assunto tratado nesta edição foi o lazer. Este é uma carência na comunidade, e mesmo que não esteja diretamente ligado à temática afro-descendente, o lazer foi pautado pelos próprios moradores do local, fazendo com que a Rádio cumpra o papel de fomentadora da cidadania.

A edição final ocorreu junto com a comemoração do dia da Consciência Negra, o grupo Ganga Zumba já tem um evento tradicional dedicado a este dia. A última apresentação da Rádio Palmares aconteceu no mesmo local da estréia, Praça de Palmeiras, e integrou a programação montada pela comunidade para a maior e mais importante data para os moradores do Ganga. Isso mostra como a Rádio foi importante para os participantes do projeto e o Ganga Zumba como um todo.

4. Análise da teoria a partir da prática

A importância de uma rádio itinerante está relacionada com o fortalecimento da auto-estima da comunidade Ganga Zumba no requerimento de seus direitos e na formação de sua memória, e, portanto, de sua identidade.

A criação de um canal de comunicação de caráter comunitário para o Ganga Zumba, a fim de revalorizar a cultura afro-brasileira por meio de ações itinerantes e das próprias comunidades entre si, permitiu a consciência da relevância da cultura negra no Brasil tanto para a comunidade Ganga Zumba, quanto para as comunidades que receberam a Rádio. Com a implementação do trabalho da equipe do Gengibre nessa comunidade, desde 2005, o grupo passou a ter mais estímulo para desenvolver atividades ligadas a sua essência e produção cultural, bem como a resgatar sua auto-estima. A Rádio Itinerante, portanto, teve papel fundamental nesse cenário de sentidos e significados engendrados na memória coletiva do Ganga.

Nesse sentido, observou-se o poder do agente social, do grupo Ganga Zumba no caso em estudo, na constituição de uma identidade social em relação a um determinado segmento, gerando, assim, um sentimento de pertencimento de uma dada sociedade, de um grupo, da consolidação de uma comunidade, por meio de aspirações coletivas, religiosas, políticas, culturais, com uma mesma finalidade: a luta simbólica pelo conhecimento e reconhecimento.



A comunidade constituída pelos integrantes do Ganga é formada, principalmente, pelos elos de identidade constituídos a partir das heranças e revalorização da cultura afro-brasileira. O grupo estabelece vínculos por meio de aspirações e lutas comuns, gerando a Comunidade preconizada por Bauman (2003), pela sensação de aconchego, proteção, conforto. Desse lugar gerado também em torno da afetividade (Halbwachs, 1990) evidenciamos a imbricação entre memória, identidade e mídia.

A Rádio Itinerante Cultural Palmares surgiu, assim, como instrumento de reforço das representações mentais na luta pelo fortalecimento e difusão da identidade regional, étnica e cultural. Coube ao grupo, principalmente, resgatar em áudio a memória coletiva desses guardiões construtores de uma história viva. Além disso, a equipe envolvida nessa mídia teve o desafio de definir vários aspectos operacionais como concepção da programação, linha editorial, temáticas a serem abordadas em cada edição dos programas.

Com a implementação desse canal de comunicação alternativo, o Ganga passou a ter um espaço de legitimação, de ressonância de sua identidade, cumprindo um papel importante no processo comunicacional de reconhecimento social na consciência coletiva entre o grupo e demais entidades parceiras. Na participação intrínseca da comunidade se pôde evidenciar os benefícios mais relevantes proporcionados pelas ondas do rádio, notados tanto no desenvolvimento pessoal dos cidadãos quanto no fortalecimento dos movimentos populares.

Foi com o intuito de poder proporcionar essa efetiva participação no processo comunicacional, diferente das mídias convencionais, que se colocou em prática a Rádio Itinerante Cultural Palmares, propiciando discussões e realizando atividades radiofônicas para que esse movimento popular se apropriasse e construísse à sua maneira a forma de participação na sociedade, a fim de fomentar cada vez mais o exercício da cidadania de seus membros.

A Rádio Itinerante Cultural Palmares, estruturada pelo Gengibre e pelo Grupo Afro Ganga Zumba, pretendeu fazer ecoar a voz para horizontes mais amplos desse movimento social que há muito se organiza e trabalha para ser ouvido.

Mas o desenvolvimento da Rádio Itinerante com o Grupo Ganga Zumba não serviu apenas para a construção, através de uma mídia alternativa, da memória e identidade do grupo e também para que eles tivessem um canal que veiculasse o que desejavam, seus anseios, suas inquietações, suas informações; o processo de construção da Rádio foi importante também o protagonismo dos estudantes da UFV no próprio processo de aprendizagem.



Isso porque, num primeiro momento, esses estudantes aprenderam, dentro da ementa das disciplinas relacionadas à rádio na universidade, as teorias e técnicas do radiojornalismo. Ali, na UFV, por mais práticas que fossem as aulas, cabia a eles o papel de estudante, mais como recebedores do conhecimento. Já em Ponte Nova, na sede do Grupo Ganga Zumba, esses mesmos conhecimentos que foram adquiridos na universidade eram repassados aos membros do Ganga. Os estudantes universitários tiveram que desenvolver metodologias para as oficinas, e muitas vezes, essas foram modificadas para se enquadrar à realidade dos participantes do projeto. Foi interessante ver a diferença entre aprender e ensinar os mesmos conteúdos e, posteriormente, ver todos esses ensinamentos colocados em prática nas apresentações da Rádio itinerante Cultural Palmares.

Além da disciplina de rádio, os estudantes puderam vivenciar outros conceitos tratados em disciplinas que tratam da comunicação de maneira geral. A Rádio Palmares foi a oportunidade de enxergar a comunicação de maneira crítica, e aplicar o que se entende por comunicação cidadã. A transformação de uma comunidade receptora de informações em uma comunidade emissora de informações concretiza o que se entende de processo comunicativo, uma terceira esfera em que emissores e receptores podem trocar informações e opiniões acerca de um assunto, diferente da comunicação unilateral vivenciada pelos veículos de comunicação convencionais.

Esse processo pôde ser verificado na capacitação dos membros do Grupo Ganga Zumba para que eles pudessem ser os responsáveis por todas as etapas do programa radiofônico, desde a escolha das pautas, a realização de entrevistas com os personagens, apuração, reportagens, edição, confecção do roteiro até a locução e apresentação.

Os encontros, aos sábados, fizeram com que eles aprendessem com as experiências dos membros do Grupo, com a realidade deles. Foram verdadeiras aulas acerca da cultura afro-brasileira e da realidade enfrentada pelos negros no cotidiano, seja com experiências nas escolas, nos locais de trabalho ou na própria comunidade.

A Rádio Itinerante Cultural Palmares foi uma aula prática de radiojornalismo, de cidadania, de humanidade que, infelizmente, nem todos os alunos do Curso de Comunicação Social terão a oportunidade de ter. Com a troca de ideias e conversas informais durante as reuniões, os estudantes que participam do projeto puderam construir outro tipo de conhecimento, o popular, presente em um processo de comunicação oral, na troca de olhares, nos gestos, nos sorrisos e experiências próprias.



5. Conclusão

A universidade se apóia em uma base dividida em três partes principais: ensino, pesquisa e extensão. Às vezes, os universitários ingressam e se formam na universidade sem ter contato com as três áreas do tripé que formam a instituição de ensino superior. Este artigo abordou a extensão na construção pessoal e profissional de um estudante, a partir do relato das experiências do projeto de extensão “Entre Sons e Gestos: a Rádio Itinerante Cultural Palmares na difusão da identidade afro-brasileira”.

Com o trabalho realizado na comunidade Ganga Zumba, em Ponte Nova, foi possível entender a importância de um projeto de extensão na formação universitária e vivenciar a mistura de saberes: acadêmico e popular.

Ao ultrapassar os limites da academia, o estudante percebe que o conhecimento produzido na universidade é mais um entre tantos, e o mais importante não é a disputa entre essas formas de saberes, mas sim a contribuição que cada um pode dar ao outro.

Referências Bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

BENEDICT Anderson. **Nação e Consciência Nacional**. São Paulo: Editora Ática, 1989.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A., 1989.

ENNE, Ana Lúcia S.- **A intrínseca relação entre memória entre memória, identidade e imprensa**. In: II Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho, Florianópolis, 2004.

FRAGA, Kátia. **Laços de família: a construção de uma comunidade de afeto no Programa Jairo Maia**. Dissertação de Mestrado em Comunicação. Niterói, PPGCOM/UFF, 2005.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.



KROTH, Maicon Elias. **Os sentidos do discurso de um programa de rádio de auditório itinerante.** UNIrevista, São Leopoldo - RS, v. 1, n. 3, p. 1 - 13, julho. 2006.

MEDITSCH, Eduardo. **O rádio na era da informação- teoria e técnica do novo radiojornalismo.** Florianópolis: Insular, Ed. da UFSC, 2001.

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio.** Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 2, nº 3, 1989. p 3-15.

_____. Memória e identidade social. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol.5, n.10, p. 200-215

TEIXEIRAS, Graziela Dias. **Rádio Comunitária: um instrumento de inserção na esfera pública.** 2003. Trabalho apresentado no XI Congresso Brasileiro de Sociologia, Campinas - SP, 2003.